

A voragem do tempo

– Então, Tia Zefa, como vai isso?

– Vai indo como Deus quer. O que é que uma pessoa já pode esperar desta vida!?...E a tua mãe ainda vai andando?

Era assim todas as tardes, quem passasse pelo caminho da Fonte Velha encontrava a velha Zefa, já quase nos noventa, sentada no canto mais abrigado da varanda, onde uma nespereira, ainda mais velha que a dona, todo o ano lhe dava sombra.

– Bela nespereira...

– O meu tio dizia que nasceu de um caroço que ali enterrou, ainda em miúdo, de nêsperras surripiadas na quinta da Casa Grande. Agora, já nem casa, nem árvores, é só mato. Nem se sabe quem são os donos – e melancólica: – O tempo tudo leva... – dizia a quem lhe gabava o tamanho da sua nespereira.

Algumas vezes, vinha a prima, quase da mesma idade, e ali ficavam a comentar as novidades ou, se calhasse, talvez até na maioria das vezes, a dar uns cortezitos na vida alheia.

Naquele dia, o ritual começou logo pela manhã, instalou-se na varanda, quando a sobrinha saiu para o trabalho.

– Não deixe a cabeça ao sol, tia, ainda se constipa, ponha este chapéu, que a sombra não chega aí.

– Está bem, vai descansada – responde. E, enquanto a sobrinha se vai afastando, resmunga:

– Até parece que nunca eu apanhei sol! Pouco é que não apanhei, era cada caloraça, que só Deus sabe. No tempo da ceifa, todo o santo dia à torreirinha. Outros tempos!...

Ajeita-se na cadeira, puxa o xaile para os joelhos e daí a pouco já se vê na quinta, ora a vindima, ora com a cesta cheia de figos e depois na ribeira com os pés na água, a lavar a roupa, até sente os peixitos a fazerem-lhe cócegas nas pernas. Tudo se mistura na sua cabeça, mas sente um estranho prazer, parece que voa pelas encostas à procura de cabecinhas de S. João para queimar à noite e saltar a fogueira. Todos saltam, riem, riem...e ouve:

– Ó Zefa, isso é que é boa vida! Posso ir também dormir contigo aí?

Acorda e, meia atordoadada, lembra aquela voz, estremece. É ele, aquele grande malandro. Não responde, mas não consegue virar a cara.

– Cada vez estás mais bonita, Zefa! Esse chapéu é parecido com o que te dei na...

Mesmo atrás, um cão ladra furioso e o velho Tonho dá à sola quanto pode.

– Devias era ter dado uma valente dentada naquele sem vergonha. – E o seu pensamento voltou ao domingo em que toda a tarde esperou pelo noivo, o seu Tonho tinha ido falar com a mãe no domingo anterior, iam casar. Esperou nessa tarde e muitas outras até que um dia lhe disseram que o viram com outra. Tanto tempo passou... Nessa época, era um rapagão cheio de lábia, agora estava um caco, mas lá atrevimento ainda tinha.

Não voltou a dormir, o raio do Tonho não lhe saía da ideia. Os dois começaram a trabalhar, ainda novos, na quinta da Casa Grande, nenhum deles tinha pai, o dele morrera na grande guerra e pouco depois a pneumónica levou o dela. Não os conheceram, contavam-lhes. Era muito raro pensar nisso, mas hoje ficou a cismar naqueles tempos.

Quando, à tardinha, a prima apareceu, achou-a tristonha:

– Hoje estás murcha, Zefa, o que é que tens?

– Uma pessoa está para aqui sem fazer nada e põe-se a pensar em coisas antigas. Passou ali no caminho o Tonho do Monte e não é que se pôs a galhofar comigo, deu-me cá uma vontade ...

– Isso são coisas que já lá vão.

– Isso é verdade, mas hoje deu-me para esta cisma...muitos figos apanhámos os dois na quinta, naquele tempo era cada figueira, enchíamos um cesto num instante, agora já nem raízes deve haver.

– Por falar em figos, há que tempos não como umas passinhas fritas. A minha mãe dizia que na terra dela abriam o figo bem seco em estrela, passavam por polme de água e farinha, depois fritavam. Quantas vezes era só o que se comia ao almoço.

– Na casa da quinta, cortavam os figos em pedacitos e misturavam no polme, mas lá era com leite e ovos. Tantas vezes ajudei a cozinheira a fazê-los e sempre sobrava algum para mim. Era naqueles tempos, que agora já ninguém os faz.

Estavam as duas nestas recordações culinárias quando um carro para em frente da varanda donde sai um indivíduo que lhes fazia lembrar alguém. Dirigiu-se às duas, perguntou quem era a senhora Zefa e prazenteiro contou-lhes que era neto dos últimos donos que viveram na quinta da Casa Grande e como a vendera para construírem um bairro, queria escrever as memórias das suas raízes e como lhe disseram que era das poucas pessoas vivas que lá trabalhara, vinha pedir-lhe para lhe contasse tudo de que se lembrasse sobre a casa e sobre os seus antepassados.

– Eram outros tempos, senhor! – E contou...contou... contou o que viu e ouviu, além do muito que os antigos contavam. Então, de repente, pergunta:

– Mas quem é que disse ao senhor que eu trabalhei lá?

– Fui perguntando, mas ninguém sabia, até que um senhor me informou de que só a senhora me podia ajudar. Até disse que era a jovem mais bonita daquele tempo. E que era conhecido por Tonho do Monte. – Ela sorriu, olhou para a prima e comovida sussurrou: – Bonito era ele!

O visitante agradeceu muito, despediu-se, meteu-se no carro e foi andando enquanto pensava:

– Se eram assim bonitos, podiam ter casado um com o outro...

Passaram uns tempos, então um dia chega uma encomenda endereçada a dona Josefa da Silva. Lá dentro vinha um livro. Reconheceu imediatamente a casa grande na fotografia da capa e ouviu a sobrinha ler o título “A VORAGEM DO TEMPO”.

Rosa Albardeira

M^a Conceição Oliveira